



MATOS, Odilon Nogueira de. A PUC e os Simpósios de História (II).
Correio Popular, Campinas, 03 out. 1975.

A PUC e os Simpósios

Correio Popular 3 de História (II) 10 75

Odilon Nogueira de MATOS

O Quinto Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, realizado em Campinas em 1969, e cujos preliminares foram relatados no artigo anterior, vinculou definitivamente o nome da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e, conseqüentemente, o da própria cidade, à bibliografia histórica brasileira. Com efeito, pouco mais de um ano após a realização do simpósio, eram publicados os dois alentados volumes dos respectivos "Anais", reunindo todo o material apresentado — cerca de cinquenta trabalhos — à importante reunião, que foi, como todos reconheceram e a evidência demonstrou, o primeiro dos grandes simpósios promovidos pela ANPUH. De fato, os anteriormente realizados (Marília, Curitiba, Franca, Porto Alegre) não chegaram a reunir uma centena de participantes e, no máximo, de quinze a vinte trabalhos enquanto que o de Campinas registrou os índices já assinalados na nota anterior, a ponto de ter sido o primeiro a exigir mais de um volume para a publicação dos trabalhos apresentados. De então por diante, as realizações da entidade foram num crescendo surpreendente, registrando o último mais de setecentas inscrições e um deles exigindo tres volumes para os seus anais. Aquilo que começou como uma modesta experiência, em 1961, constitui hoje uma das grandes realizações culturais do Brasil, ansiosamente esperada cada dois anos, numa obra cada vez mais valiosa de conagração dos professores universitários de História.

Os dois belos volumes "campineiros" reproduziam, na capa, a caravela que Roberto Villas Boas desenhou para o expressivo cartaz de propaganda do simpósio. Cartaz de que todos gostaram e que todos quiseram levar de lembrança. Aliás, foi o único "souvenir" que pudemos oferecer... A premência de tempo não nos permitiu entrar em contacto com indústrias, bancos, instituições, firmas comerciais para o ferecimento de mimos aos congressistas, como, de comum, acontece em tais ocasiões. As próprias pastas de plástico foram oferecidas pelos estudantes, e como seus recursos eram poucos, tiveram que ser da maior simplicidade possível. Mas, os "Anais" aí estão, e, graças a ele, como disse, os nomes de nossa PUC e de nossa cidade ficarão definitivamente inscritos na bibliografia histórica brasileira.

Os simpósios da ANPUH comportam sempre um tema principal, escolhido por votação na reunião anterior, e mais dois temas permanentes, um referente à metodologia da História e outro a fontes primárias. Como temas principais, os mais interessantes assuntos já tem sido oferecidos: uso da terra, migração e colonização, trabalho livre e trabalho escravo, a cidade na história, a propriedade... O tema de Campinas foi comércio e circulação, mais precisamente "Rotas, portos, comércio", e sobre ele vinte e dois trabalhos foram apresentados, abordando-o sobre os mais diversos aspectos, quer nos quadros da história geral, quer com referência ao Brasil, desde os caminhos libios da era pre-dinástica, a importância do porto de Alexandria ou as vias fluviais da Rússia medieval, até o porto de Paranaguá, o tráfico entre Venezuela e Espanha ou a ligação

Araguaia-Tocantins.

O volume segundo foi todo preenchido com arrolamentos de fontes históricas, setor que vem sendo estimulado pela ANPUH desde o início de suas atividades e ao qual tem dado valiosa contribuição a "Revista de História" que, frequentemente, intercala em suas páginas trabalhos dessa natureza. Quando tínhamos em nossa PUC curso completo de História (agora lamentavelmente diluído na vaga comum dos "Estudos Sociais") procurava estimular meus alunos a essa atividade, quase sempre com relação às cidades donde eles provinham, nas quais, naturalmente, teriam acesso mais fácil para a pesquisa. Alguns, infelizmente poucos, atenderam ao meu apelo: José Enio Casalecchi, Antonio Euler Lopes de Camargo, Regina Bueno Teixeira, Nilze Arrelaro, Marilze Caldas, Maria Isabel Cruz, Sonia Moreira Sales, Fernando Marciano de Oliveira... Quase todos esses nossos antigos alunos militam atualmente no ensino secundário, enquanto que o primeiro mencionado, José Enio Casalecchi, já doutor, com excelente tese sobre a presença de capitães ingleses na lavoura paulista, leciona na Faculdade de Filosofia de Araraquara.

Diga-se, de passagem, que o interesse do Professor Eurípedes Simões de Paula e de sua digna esposa, Professora Regina, vem de antes da criação da ANPUH, vem dos tempos da Sociedade de Estudos Históricos (ainda existirá?), entidade de que tive a honra de ser um dos fundadores, há mais de trinta anos, e que, ao ser reestruturada em 1950, teve como uma de suas metas o incentivo ao arrolamento das fontes primárias de interesse para a história de São Paulo. A criação, nessa mesma época, da "Revista de História", veio permitir que a Sociedade levasse avante boa parte de seu programa. Com efeito, o arro era o número da prestigiosa revista que não dedicasse algumas de suas páginas a esse trabalho, aparentemente tão simples, mas de tanta importância para a pesquisa histórica. A própria Professora Maria Regina Simões de Paula elaborou um roteiro, que foi amplamente distribuído para servir àqueles que se dispusessem à tarefa. Ainda hoje é o roteiro que forneço aos eventuais interessados, com as naturais adaptações a cada caso.

Como, pelo regulamento da ANPUH, os estudantes não tem direito a apresentação de trabalhos, a não ser quando patrocinados por um professor, que por eles responda, fiz alguns desses trabalhos aparecerem como atividades da cadeira de Introdução aos Estudos Históricos, que então regia em nossa Universidade Católica. Escrevi, para eles, uma apresentação intitulada "Breve relatório sobre arrolamento de fontes primárias na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas", relatório esse publicado nos respectivos anais e que, antes fora divulgado na "Notícia Bibliográfica e Histórica" Registro, com a maior satisfação, que esse modesto relatório despertou enorme interesse em outras Faculdades de Filosofia do país, que pretenderam que seus alunos fizessem coisa semelhante ao que os nossos estavam fazendo. Recebi cartas de Juiz de Fora, de Uruguaiana, do Crato (no Ceará), de Campina Grande, além das que me vieram do próprio Estado de São Paulo. Tudo isso, em última análise, representava projeção para a nossa Universidade Católica, na época ainda não distinguida com o "Pontifícia". Continuarei.